AS EMOÇÕES EM DISCURSOS SOBRE A LEITURA: O ORGULHO E A VERGONHA DE SER OU NÃO LEITOR

Luzmara CURCINO[1]

Resumo
Dedico-me à análise de discursos sobre a leitura e, neste momento, observo um aspecto peculiar de seu funcionamento: a evocação regular de certas emoções relacionadas a essa prática, em especial a 'vergonha' e o 'orgulho' de ser ou não leitor. A partir de um corpus de enunciados, obtido junto à mídia convencional (jornais e revistas) em textos de diferentes gêneros, autores e com distintos objetivos, trato desse aspecto ainda não explorado de maneira exclusiva e sistemática, e de cuja reflexão se espera uma melhor compreensão desse funcionamento subjetivante dos discursos, que pode imobilizar ou fomentar a emancipação dos sujeitos em relação ao exercício dessa prática. Para isso, me apoio em princípios da Análise de discurso articulada a princípios da História e Sociologia cultural da leitura e da História das sensibilidades.
Palavras-chave: Discursos sobre a leitura; Leitor brasileiro; Emoções; Vergonha; Orgulho.

Discurso, leitura e emoções

Apresento, em linhas gerais, a pesquisa que iniciei mais recentemente e que se relaciona com o objetivo geral dos estudos que venho desenvolvendo e cuja finalidade é melhor compreender o impacto e o alcance de discursos sobre a leitura que circulam entre nós, hoje, e que participa decisivamente quanto ao como a concebemos, a avaliamos, a exercemos, enfim, quanto ao modo como nos constituímos ou não leitores.

[1]Professora no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Líder do grupo LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura. Contato: luzcf@ufscar.br

O que pude observar em meus estudos sobre aquilo que em geral se enuncia sobre a leitura é que, frequentemente, nisso que é dito sobre essa prática, emerge a referência a 'certas' emoções. Ao abordar as emoções relacionadas à leitura, não me refiro àquelas que são 'despertadas' pela leitura dos textos, mas antes àquelas que são normalmente evocadas como constituintes e resultantes do enunciável sobre essa prática, sobre nós mesmos ou sobre o outro como leitores ou não-leitores.

Meu objetivo específico, com o presente estudo, é o de depreender quais são as emoções geralmente expressas/evocadas quando se fala em leitura, e analisar de que modo essas emoções são discursivizadas, por vezes de maneira direta e nomeada; por outras, de maneira indireta, e isso em textos de diferentes origens e finalidades. Com esse tipo de análise, espero lançar alguma luz sobre a complexa relação entre discursos e práticas, entre o dito/dizível e aquilo que se faz ou se deixa de fazer, entre esse dito/dizível e quem cada um de nós se torna ou deixa de vir a ser, ao tratar de um aspecto ainda não explorado consistentemente em nossa área e que constitui todo e qualquer discurso, a saber, o sensível enunciado e o sensível enunciável.

Considerando que o discurso comporta, naquilo que pode e deve ser dito sobre a leitura, as formas anímicas, sensíveis, emotivas de se expressar em relação a essa prática, e com isso exercê-la de um modo e não de outro, me volto então para a análise desse aspecto específico dos discursos sobre a leitura. Sendo o acesso a essa prática e o seu exercício efetivo e pleno, ainda hoje entre nós, algo rarefeito e hierarquizado, tanto os discursos sobre a leitura quanto a própria atualização dessa prática reproduzem essa divisão simbólica e material dos sujeitos, por eles gestada e mantida, e propícia à evocação de certas emoções antitéticas, como o orgulho e a vergonha de poder ou não ser leitor, e de ser ou não reconhecido socialmente como tal.

Discursos sobre a leitura: leitores orgulhosos, leitores envergonhados

Neste estudo, parto de alguns pressupostos teóricos, e o primeiro deles, tal como observado por Michel Foucault (1999), é o de os discursos têm uma atuação subjetivante sobre as práticas e sobre os sujeitos, ou seja, aquilo que é consensualmente dito sobre a leitura impacta sobre as formas de identificação e de desidentificação dos sujeitos com essa prática. Além disso, dentre tudo o que é enunciável sobre uma prática, os discursos regulam também a evocação de certas emoções, e não qualquer uma, condizentes com a ordem do enunciável sobre essa determinada prática. Por fim, um

outro pressuposto é o de que as condições sociais e culturais de origem dos sujeitos são decisivas no processo de sua subjetivação, de modo a também atuarem sobre a forma como alguns sujeitos se reconhecem em sua plena legitimidade como leitores, e outros se veem em sua plena indignidade como não-leitores. Assim, uns podem se sentir orgulhosos com sua condição leitora enquanto a outros apenas lhes cabe a vergonha de sua situação avessa. Orgulho e vergonha resultam dos vereditos comuns que a sociedade dispõe para classificar os sujeitos e hierarquizá-los. Em sendo sociais, esses vereditos são sempre essencialistas e totalizantes, como afirma Pierre Bourdieu (2015, p. 262), assim como determinantes das condições de reprodução das divisões de toda espécie que ordenam nossa sociedade, tal como ela é, injusta, desigual, hierárquica.

Tendo em vista esses pressupostos, tenho observado a regularidade na distribuição do tipo de emoção declarada pelos sujeitos ou sobre os sujeitos em relação à leitura, a partir da divisão entre 'herdeiros', 'não-herdeiros' e 'trânsfugas culturais'. Essas categorias são adotadas por Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (2014), e foram retomadas por Roger Chartier (2019), para explicar esse processo que faz com que sujeitos de uma mesma sociedade, com diferentes origens sociais e culturais, se identifiquem, ou não, com práticas e objetos da cultura de prestígio, naturalizem sua relação de proximidade ou distância com essas práticas e objetos, e assumam isso como da ordem de suas decisões, gostos e escolhas pessoais. É exatamente essa naturalização resultante funcionamento dos discursos que blinda e fortalece a lógica de distinção dos sujeitos. É esse funcionamento discursivo que torna essa lógica aceitável e normal.

Em relação aos "herdeiros", eles são aqueles que dispuseram de acesso à cultura de prestígio e à leitura de modo precoce, regular, perene, em espaço familiar, e por isso de maneira casual, espontânea, cotidiana e invisível como privilégio. Graças a esse cenário propício, os "herdeiros" se identificam como leitores desde cedo, e se apresentam e são apresentados regularmente como tal, uma vez que sempre dispuseram de um ambiente que adequado para formar atitudes positivas de autoconsideração, de autorreconhecimento de si como leitor, e que outorgam autoconfiança e se expressam sob a forma de orgulho em relação a sua identidade como leitor.

Em relação aos "não herdeiros", eles são aqueles que desde cedo ficaram à margem da cultura de prestígio. Constituem as amplas fileiras de todos aqueles que não tiveram acesso à leitura, ou que dispuseram de um acesso de tipo muito precário, o que desde muito cedo lhes impõe o peso dessa precariedade frente as hierarquias culturais de nossa sociedade. Os marginalizados são levados a crer que certas práticas e bens

culturais, como a leitura de livros, não é algo para eles. E, por não se sentirem legítimos na sua relação com a leitura, não se reconhecem no direito à leitura, nem reconhecem a leitura como um direito. Eles são aqueles que em geral expressam a vergonha de não ser leitor, ou o orgulho ingênuo de não ser. E são aqueles a quem é imputada a pecha de não-leitores, de forma a lhes impor tanto a culpa por isso, quanto a vergonha de sua condição. São aqueles em relação aos quais alguns "herdeiros", ao se referir a eles, o fazem sob o signo da vergonha alheia.

Alguns destes "não-herdeiros" podem vir a ser "trânsfugas de classe" subvertendo as imposições de seu destino social. Isso, por vezes, se dá pelo acesso à cultura de prestígio, ainda que tardio, um tanto errático ou exclusivamente institucional, de modo a se tornarem leitores. Em função disso, gozam de algum reconhecimento e por isso têm e ostentam seu orgulho de ser leitor. Eles, no entanto, também são lembrados pelos "herdeiros", de que entraram por efração, como penetras, na cultura de prestígio, e por isso, muitas vezes, não dispõem do mesmo reconhecimento que os "herdeiros", o que lhes coloca com frequência em situações de vergonha de sua diferença, de seu atribuído déficit cultural se comparados aos nativos.

Essas divisões sociais ensejam divisões culturais, cuja obviedade e normalidade de sua existência e de sua manutenção são precocemente incorporadas pelos sujeitos. No que diz respeito à leitura, "herdeiros", "não-herdeiros" e "trânsfugas" aprendem desde cedo o que dizer, mas também o que sentir, ou seja, que emoções expressar e que emoções referir quando temos de falar dessa prática e de nós como leitores.

O dizível e o sensível

As emoções compõem o rol do dizível e do argumentável sobre um determinado tema. Não são evocadas de forma indistinta, e isso justamente porque são suscetíveis à 'ordem do discurso', e por serem enunciadas segundo as determinações, coerções e restrições dessa ordem. Objetos de discurso e objetivadas pelo discurso, as emoções são enunciadas conforme os princípios de regulação que funcionam na atualização de todo e qualquer enunciado: i) elas variam, ao longo do tempo, de uma cultura a outra, de um indivíduo a outro, mas não de qualquer forma, nem de forma irregular ou desregrada; ii) são evocadas de acordo com seus valores histórica, cultural e socialmente estabelecidos; iii) se repetem, umas mais que outras, em função daquilo e daqueles a que se referem, e

em sua função argumentativa, qualificadora ou desqualificadora das práticas, dos objetos e dos sujeitos.

As emoções, em sua condição discursiva, são, portanto, determinadas pela história. Apesar de "parecerem existir fora do tempo", e de "sugerirem experiências comuns" ao longo das épocas e de um espaço a outro, ainda assim elas variam. Segundo a perspectiva adotada por historiadores dedicados ao campo da história das sensibilidades:

> O medo, a vergonha, a cólera, a alegria, atravessam sem dúvida o tempo, parecem ter sido vividas, "sentidas", de modo comum de uma época a outra, mas elas variam com os indivíduos, com as culturas, e com as sensibilidades. Elas têm seus estados, suas modulações, elas se alteram, se singularizam, revelando uma dispersão de possíveis para além de sua ampla existência genérica. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020, p. 10)

Para esses historiadores, não se trata "*a priori* de colocar em xeque a existência [das emoções tais] como a tristeza, a alegria, a cólera ou o medo", mas antes considerar que o seu sentido muda assim como "suas formas, suas nuances, sua intensidade", o que justifica "a legitimidade de uma história das emoções" (2020, p. 9).

Embora as emoções tenham sido consideradas como próprias da condição humana, logo, universais e naturais[2], ou ainda como a expressão subjetiva[3] do que vivenciamos individualmente, cada um a seu modo, não é segundo essas perspectivas que as levo em conta nesta pesquisa. A abordagem histórico-discursiva dedicada às emoções, tal como expressa por esses historiadores, me interessa na medida em que ela se ocupa não da história de uma emoção ao longo do tempo. Diferentemente, essa abordagem dá relevo a suas atualizações específicas, em contextos determinados, e a suas evocações com papeis próprios e com efeitos de sentido variados. Esse modo de conceber as paixões contribui para balizar uma análise de discursos sobre a leitura em textos que exploram, evocam e determinam certas emoções que mais se adequam a essa prática. Segundo a perspectiva adotada por esses historiadores, não se visa *a priori* se fazer uma história total, de longa duração e genérica de uma emoção específica. Antes, objetivam depreender e descrever um dado afeto em sua condição de 'acontecimento'.

A vergonha alheia: uma breve análise do que diz a mídia sobre a leitura

[2] No final do século XIX, Charles Darwin publica seu livro "Expressão das emoções no homem e nos animais", afirmando o seu caráter universal e as formas prototípicas de expressá-las corporalmente.

[3] Segundo diferentes vertentes, a Psicologia se encarregará de compreender a manifestação emocional no nível dos indivíduos, ainda que essa abordagem e suas constatações sejam passíveis de generalização e de caracterização de grupos.

De modo a ilustrar a ocorrência desse tipo de enunciado acerca da leitura, nos quais se mobiliza as emoções relativas a essa prática, trago um exemplo e uma muito breve análise. É um texto da mídia nacional, e nele se faz referência ao presidente Lula da Silva e sua relação com a leitura. Não é segredo de estado, sua origem humilde. Ele sempre foi um *outsider* cultural no rol dos presidentes brasileiros até sua eleição. Tal como demonstrei em Curcino (2018; 2019), sua participação nas disputas eleitorais à presidência com chances reais de vitória suscitou a exploração intensa, recorrente e depreciativa na maioria das vezes, de seu capital cultural, de sua relação com a cultura letrada.

Nesse texto, a expressão da vergonha é mobilizada de forma relativamente direta e explícita. Mais especificamente, ela corresponde à expressão de "vergonha alheia", ou seja, da vergonha que sentimos pelo outro dizer ou fazer aquilo que disse ou fez, sendo este um outro com o qual temos algo em comum, aproximado (ser do mesmo gênero, ter a mesma cidadania, ter a mesma idade etc.). Simultaneamente, ao se referir à vergonha que o outro nos causa, se estabelece uma distância e um diferença, nossa em relação ao outro, com aquilo que esse outro disse ou fez. O modo de enunciarmos isso pode indiciar o nosso "orgulho" dessa distância, ou seja, dessa diferença que se identifica, que se denuncia e que se condena.

O enunciado a que me refiro e que aqui analiso brevemente consta de um artigo publicado na *Folha de São Paulo*, em 2004, na ocasião em que Lula da Silva, já como presidente, participou da abertura da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, maior evento do gênero na América Latina:

> Lula **causa constrangimento** ao comparar livro a aparelho de ginástica
> O presidente Luiz Inácio Lula da Silva **causou constrangimento** nesta quinta-feira, durante discurso na abertura da 18ª Bienal do Livro, ao comparar um livro a uma esteira de ginástica. "Um livro para uma criança, é como uma esteira para alguém da nossa idade", disse. "Dá preguiça começar, mas depois de uns vinte minutos a gente vê como é importante."[4]

Embora ele tenha sido o primeiro presidente da República a participar da abertura da Bienal, e de em seu discurso o presidente ter assumido o compromisso de criação de bibliotecas públicas nos 1000 municípios brasileiros que, em pleno século XXI, no ano de 2004, ainda não contavam com essa estrutura pública de acesso a livros,

[4] In: Folha Online - Folha de São Paulo, seção Poder, 15 de abril de 2004.

o foco do texto é a dita "gafe" cometida por Lula da Silva ao se pronunciar sobre a leitura. Ela vai ocupar a maior parte do texto, vai figurar no seu título e vai repercutir em diversos outros textos e meios, sendo reproduzida, parafraseada, citada por diversos jornalistas, comentada por diferentes leitores, e lembrada ainda hoje. Tornou-se uma frase recitável, autônoma, 'verdadeira', e para cuja interpretação parece nem carecer de contextualização e de orientação argumentativa por meio de um comentário, com vistas a precisar o efeito de sentido visado por aquele que a reemprega. Sua mera citação pressupõe que 'todos sabem' que ela 'é' uma declaração a se condenar.

O autor do texto afirma que "Lula causou constrangimento", e o fez sem se especificar a quem se constrangeu, tal como a morfossintaxe dessa construção exigiria. O pressuposto é o de que nesse universo dos que leem, dos que organizam, participam e visitam uma bienal do livro seria natural que todos se sentissem constrangidos diante de tal comparação, tida por inapropriada e maculadora da imagem do livro e da leitura. A citação em discurso direto do que enunciou o presidente vai ao encontro desse pressuposto, uma vez que é usado como um argumento de prova, que demonstra a razão da tese afirmada pelo enunciador do texto, segundo a qual o que Lula disse em relação à leitura foi algo constrangedor, em si mesmo, assim como em função do público e da ocasião de sua declaração.

Conforme os discursos consensuais e de longa data, a leitura é prática em geral comparada a atividades intelectuais e de mesmo prestígio cultural. Compará-la a um exercício físico em uma esteira, é em alguma medida banalizá-la, diminuir sua aura distintiva. De acordo com esses mesmos discursos, ela é uma prática prazerosa e edificante, por isso afirmar que se possa ter "preguiça para começar" é também um dizer sacrílego, não condizente com aquilo que se deve e se pode enunciar sobre essa prática, ou na ocasião em questão. Dirigir-se a frequentadores de bienais do livro, em uma seção de abertura de uma bienal dessa envergadura parece ter acrescentado ao que o presidente enunciou uma maior gravidade. Talvez por essa razão, o enunciador do texto tenha escolhido reproduzir as palavras do presidente, em discurso direto. Essa escolha desempenhou duas funções: a de estabelecer uma distância do autor do texto com aquilo que foi enunciado pelo citado; a de ostentar o que o outro disse como a prova de um 'absurdo', opinião que o autor sabe que seu leitor também compartilha acerca do tema. Trata-se de um exemplo claro do funcionamento descrito por Michel Foucault (1999) do princípio da rarefação no controle dos discursos: não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa, muito menos de qualquer modo, sobre certos temas. Lula

da Silva é desautorizado quanto ao que disse por não ser reconhecido como alguém que teria o que dizer sobre a leitura.

Esse pressuposto de que o que disse o presidente "causou constrangimento" se baseia em uma essencialização própria da idealização da leitura, própria dos discursos hegemônicos sobre essa prática, a ponto de se interditar qualquer metáfora que a assemelhe a práticas tidas como menos nobres, que a alinhem a atividades físicas, que a destituam de sua nobreza e de seu caráter sublime. A reprodução do que disse o presidente, sob a forma de discurso direto, visa ao efeito de veridicção, mas ao mesmo tempo indicia sua finalidade irônica e condenatória, se considerarmos a posição de reprovação expressa pelo enunciador desde o título e reafirmada no corpo do texto, como algo que "causa/causou constrangimento". As escolhas verbais não dão margem à dúvida: o presente e o pretérito perfeito são assertivos.

A desqualificação derrisória do que afirmou o ex-presidente Lula sobre a leitura tem origem em uma desautorização prévia daquele que enuncia, que não sendo reconhecido como leitor, como um verdadeiro leitor, logo, não saberia falar da leitura, e por isso não deveria falar dela, porque não sendo leitor e se atrevendo a falar disso só poderia fazê-lo de forma equivocada, cometendo gafe, produzindo constrangimento, produzindo "vergonha alheia".

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 257-266.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **Os Herdeiros** - os estudantes e a cultura. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

CHARTIER, R. **Ler sem livros**. Linguasagem. v. 32, São Carlos, dez. 2019. Disponível em: http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/655/396

CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. (orgs.). **História das emoções**: Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2020.

CURCINO, L. **Imprensa e discursos sobre a leitura: representações dos presidentes FHC, Lula e Dilma como leitores**. EID&A. Ilhéus, n. 16, set. 2018. Disponível em: http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2223

CURCINO, L. **Discursos sobre a leitura: do elogio ao insulto na construção do perfil leitor de políticos**. In: HOSSNE, A. S.; NAKAGOME, P. T. (orgs.). Leitores e leituras na contemporaneidade. Araraquara: Letraria, 2019.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

(cc) BY-NC-SA